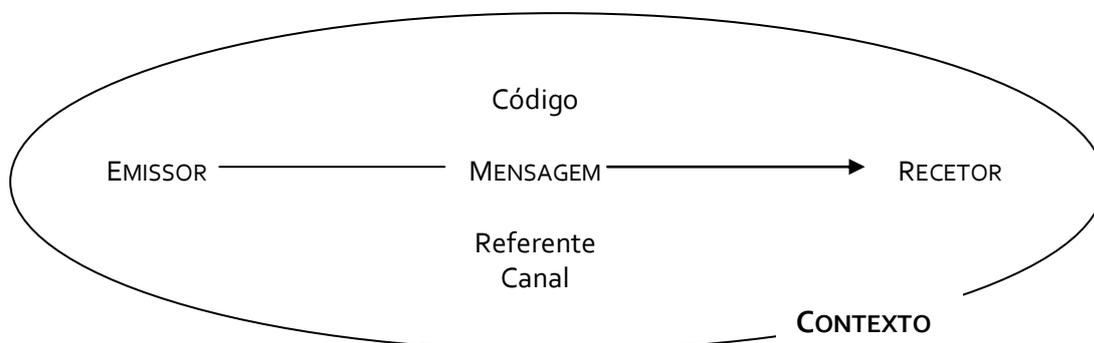


Análise do ato de fala. A interpretação.

Termos e momentos do ato verbal.



Emissor: Alguém que produz um enunciado;

Recetor: Alguém que recebe um enunciado;

Referente: elemento que é transmitido entre um e outro;

Mensagem: é a forma de signos e o referente é o conteúdo;

Código: conjunto de sinais formais. É necessário haver partilha entre E e R, senão o processo não se dá;

Canal: Meio pelo qual a mensagem transita/circula. "medium" – "media" – os meios, agora os meios de comunicação, isto é, um emissor que chega a muitos recetores.

Contexto: engloba todos os outros, pois nenhum dos elementos faz sentido sem um contexto; não podemos ignorá-lo nunca – dá-nos a base e permite-nos a análise de tudo o resto.

Comunicação – é um processo forçosamente dinâmico, o que faz com que todos os elementos estejam em constante mudança. Há uma natureza interativa entre os elementos na maior parte dos meios de comunicação, pois o emissor e o recetor então constantemente a trocar de papéis.

Discurso/texto: interessa-nos aqui que a mensagem tem de se organizar em texto. Para construir a mensagem (num texto, na complexidade que pressupõe) é necessário saber os elementos que compõe o código.

O código é, por exemplo, o léxico, a sintaxe, a fonética (na comunicação oral), etc. e lidamos com estes elementos para produzir uma mensagem inconsciente.

- Emissor: codifica – transforma o que quer dizer num código e a forma como o vai transmitir;

- Recetor: descodifica – pode ser um processo complexo e muitas vezes até equívoco, pois a compreensão da mensagem pode não ser aquilo que estava na intenção do emissor.

Ao *locutor* está associada a função *expressiva* (emotiva).

Ao *interlocutor*, a função de *incitação* (interpelação, ordem).

Ao *referente*, a função *referencia* (informação).

Ao *contato*, a função *fática* (ligação, contato social).

Ao *código*, a função *metalinguística* (análise do código).

À *mensagem*, a função *poética* (jogo, prazer do texto).

Análise do ato da fala

Um sujeito que emite ou transmite algo para um segundo sujeito que recebe o transmitido; o sujeito emissor (E), o sujeito recetor (R) e a mensagem (M).

Na relação estabelecida entre os termos E e R, estes não coincidem sempre com os mesmos sujeitos reais, alternando continuamente a sua identificação com estes. Se imaginarmos um diálogo realizado entre dois indivíduos vemos que aquele que num primeiro momento é o emissor, passa no momento seguinte a ser o recetor, e vice-versa, o que no início foi o recetor, age em seguida como emissor.

A iniciativa do ato verbal parte naturalmente do emissor, que por isso pode considerar-se o sujeito ativo por excelência, já que é ele que dá o primeiro impulso a todo o processo. Não deve porém encarar-se o recetor, - mais precisamente na sua qualidade de recetor, antes de assumir, num segundo momento, a função de emissor -, como um sujeito meramente passivo. É que com efeito este, ao receber o texto que aquele produziu, age também, desempenhando a sua parte própria (indispensável) no ato iniciado pelo emissor, parte que consiste (mais do que em meramente 'apreender' ou captar o texto) em *compreender* a mensagem para ele transmitida. Para atingir esta finalidade, o recetor tem de agir, realizando o ato a que chamaremos *interpretação* ou *processo interpretativo*, que essencialmente consiste em, uma vez recebido o texto, *determinar aí as relações significativas que nele quis manifestar o sujeito que o produziu, de maneira a fazer em sentido inverso, entre o significante e a realidade, o caminho percorrido pelo emissor.*

No complexo do processo comunicativo é essencial a intenção quer do emissor quer do recetor: a do primeiro consiste em que, ao produzir o texto, ao enviar pois a mensagem, esta seja corretamente entendida pelo recetor, isto é, que o texto seja compreendido por este; a do segundo, de modo correspondente, está na vontade de compreender, de identificar sem erro nem desvio a mensagem ou conteúdo que estava na intenção do emissor transmitir-lhe.

Esta intenção comunicativa da parte dos dois sujeitos, - do lado do emissor como do lado do recetor -, manifesta-se continuamente nas ocorrências banais da comunicação na vida diária. Quando na conversa mais trivial o emissor, terminada a sua mensagem e observada a reação (linguística ou outra) do seu interlocutor, retifica aquilo que nessa reação se lhe afigura ser uma errada interpretação das suas próprias palavras – Não, foi bem isso que eu quis dizer...», «Vejo que não me fiz compreender», «O que eu queria dizer era...» -, procurando exprimir de novo, por outras «palavras mais claras», o que antes dissera «de outro modo», o que ele faz é manifestar justamente essa intenção comunicativa: de conduzir o recetor à apreensão do conteúdo cognoscitivo que pretende transmitir-lhe.

Paralelamente, quando o recetor, uma vez captada a mensagem, afirma «Não percebo o que dizes», ou hesita «Não sei se te entendi bem...», ou pergunta «Quer queres dizer com isso?», ele patenteia também, de modo inequívoco, essa intenção: a de chegar à apreensão perfeita do que estava na mente do emissor – não apenas de aquilo que «dizem» (significam) ou parecem «dizer» as palavras do texto, mas do que se encontra na própria mente do autor da mensagem e na sua vontade comunicativa.

Isto significa assim que a finalidade mesma do processo interpretativo e, - compreendendo este dentro de si -, do processo comunicativo se encontra na identificação momentânea do recetor com o emissor, de tal modo que aquele pensa o que este pensa, concebe mentalmente e sente o que este concebe e sente, aderindo intelectualmente, emotiva e volitivamente à própria «forma mentis» do seu interlocutor. Por outras palavras, se ao que está na mente do emissor, e na sua intenção de transmitir, e àquilo que o recetor recebe ou entende, podemos definir a compreensão, meta final do processo interpretativo e do próprio ato de comunicação no seu todo.

Os contextos

Os três termos antes considerado, o emissor, o recetor e o texto, são os elementos essenciais do ato de fala. Mas sabemos que este não é em si, na sua própria essência, senão uma forma particular do ato de comunicação, que se encontra ligado a, e dependente de, outros atos comunicativos anteriormente realizado e ainda a realizar, quer linguísticos quer não linguísticos, não sendo ele mesmo mais do que o núcleo – sem dúvida, por isso mesmo, o mais importante – de um ato comunicativo nunca puramente linguístico, visto que nele, com as formas verbais, intervêm e cooperam para o mesmo fim outras formas significativas de natureza não linguística e por vezes nem mesmo intencional. Daqui resulta que se, no ato verbal, o recetor contar exclusivamente com o texto – ignorando não só o código que presidiu à sua elaboração mas também o que sabe (ou deve saber) acerca do locutor, dos seus atos comunicativos anteriores e da realidade extralinguística a que ele agora se refere, e fechando ainda os olhos e os ouvidos ao mundo real circundante e ao que, no produtor, acompanhada a produção do texto sem fazer parte deste (a expressão fisionómica, o gesto, a maior ou menor intensidade da voz e da sua altura tonal absoluta) -, ele será totalmente ou em larga medida incapaz de compreender o texto e de realizar portanto a sua parte essencial no ato iniciado pelo emissor. Para além daqueles três termos mencionados, é portanto indispensável considerar outros elementos que não fazem parte integrante do ato verbal mas que o acompanham necessariamente, fazendo dele um ato comunicativo, permitindo que o texto possua sentido, que funcione como um sinal complexo, no qual o emissor manifesta e o recetor percebe uma certa intuição da realidade, que ele possa enfim ser devidamente recebido e interpretado pelo emissor, que nele compreende mais do que as palavras só por si não são capazes de dizer.

Erros ou deficiências na interpretação

O desacordo entre emissor e recetor atinge uma forma extrema e em certo sentido grosseira, mas ela observa-se também, com não menor frequência, de um modo mais subtil, em que nem o emissor nem o recetor se chegam a dar conta de que houve um «mal-entendido», de que se não compreenderam. De um modo geral, porém, tal desfasamento dá-se muito especialmente nos atos de fala em que predomina a função expressiva da linguagem e em todos aqueles em que os conteúdos cognitivos a transmitir são particularmente ricos e complexo, qualquer que seja a sua natureza – emotiva, volitiva ou intelectual.

Em qualquer dos casos, se procurar a razão ou as condições determinantes desse desacordo, poderemos talvez reduzi-las a três: a deficiência do instrumento comunicativo (a língua usada, seja ela qual for), o desacordo já antes existente entre os saberes e as formas mentais dos sujeitos, e a deficiência accidental ou permanente quer do emissor quer do recetor.

Pelo desacordo entre as formas mentais dos sujeitos queremos referir o carácter único do individuo, diverso e diferente de cada um dos outros não só no seu saber linguístico mas no seu saber acerca das coisas e no seu modo de as experimentar ou viver. Cada um das suas frases é expressão de uma vivência única, a qual tem por fundo um mundo vivencial igualmente único, irreduzível ao de qualquer outro. Por isso as palavras que pronuncia estão carregadas de um sentido que nenhum outro sujeito pode totalmente apreender, em virtude da sua mesma alteridade, precisamente porque são outras e diferentes a sua mundivivência e a sua mundividência, nas quais aquelas palavras se inserem e adquirem sentido.

Por deficiência do instrumento queremos dizer em, primeiro lugar, que, enquanto a realidade é ilimitada e inesgotável, é pelo contrário limitado o inventário dos sinais (palavras e formas gramaticais) que a linguagem, em casa língua particular, põe ao dispor do homem para a conhecer, analisando-a, e a fazer conhecer a outros. Daqui que o sujeito cognoscente-comunicante se defronte continuamente com a dificuldade da forma a novos conteúdos de

consciência, para os quais não encontra no léxico e na gramática da sua língua os meios suficientes e adequados de clarificar, analisar e denominar. Daqui também, em seguida, a necessidade inelutável de carregar as palavras de significados diversos, tornando-as ambíguas e equivocadas e causando, deste modo, com frequência o equívoco.

Essa deficiência do instrumento encontra-se ainda em que, se um determinado sistema linguístico (todo e qualquer) é perfeitamente apto à transmissão das simples mensagens da vida cotidiana, exigidas pela execução em comum das atividades banais do dia-a-dia, e se ainda, com um maior esforço de reflexão e busca das formas linguísticas adequadas, pode chegar a ser quase perfeitamente suficiente para a comunicação de conteúdos mais complexos mas de natureza prevalentemente intelectual, ele é insuficiente, altamente inadequado para a manifestação da vivência emotiva, do sentimento, da apreensão estética da realidade. Este facto, que atrás traduzimos ao afirmar que a emoção e a volição só intelectualizando-se se manifestam através das palavras, é também uma consequência da singularidade do indivíduo e das suas vivências, em contraste com o carácter social do instrumento de comunicação, feito para manifestar o que é comum a muitos, e, por outro lado, do facto de o objeto do conhecimento emotivo ser um objeto que se funde com o próprio sujeito cognoscente, que é idêntico com ele.

Finalmente, quando falamos da deficiência dos sujeitos, estamos-nos referindo a que muitas vezes sucede que nem o emissor nem o recetor (alternada ou simultaneamente) fazem todo o esforço que os seus respetivos papéis lhes exigem, ao realizarem em comum um ato de fala, o primeiro para se fazer compreender, o segundo para compreender, não atendendo aquele suficientemente aos meios e possibilidade de que este dispõe para interpretar a sua mensagem (quando, por exemplo, «fala difícil» ao dirigir-se a um ignorante, ou menciona algum facto, circunstância ou indivíduo, - desconhecidos do ouvinte -, como se este os conhecesse), enquanto neste falta ou é frouxa a vontade de compreender, o esforço interpretativo.

Modo Oral e Modo Escrito

Modo Oral	Modo Escrito
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Emissor presente (vários tipos de “presença” 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Emissor ausente
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Transmissão e recepção imediatas 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Transmissão e recepção diferidas (intervalo variável)
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Contexto situacional semelhante ou partilhado (o contexto é essencial) 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Contexto situacional ausente ou descrito pelo emissor (contexto é dispensável)
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Linearidade temporal (organiza-se numa cronologia) 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Linearidade espacial (não nos obriga a seguir uma ordem, mas há determinadas regras, uma ordem no espaço)
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Código oral 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Código escrito (signos codificados para representar a linguagem oral – codificação segundo a normal regulada por especialistas e sujeita a aprovação por instâncias políticas)
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Ordem cronológica irreversível (o que disse, está dito, não posso voltar atrás e alterar) 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Ordem cronológica não irreversível (posso deslocar-me num texto, não precisando de seguir uma ordem)
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Permanência sujeita à memória dos interlocutores (no entanto há possibilidade de registo) 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Caráter permanente
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Presença de elementos prosódicos portadores de significados próprios: acento/ entoação/ duração/ intensidade/ pausas/ ritmo 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sistema gráfico tenta reproduzir (com perdas) os elementos prosódicos através da pontuação
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Acompanhado por signos adicionais (expressões fisionómicas, gestos, etc.) que complementam e reforçam o significado 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Por regra, sem reforços de natureza extra linguística (elementos paratextuais ajudam na compreensão do texto)
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descodificação sob contínua avaliação – discurso pode ser reformulado para garantir sucesso do ato comunicativo (tarefa essencialmente do emissor) 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descodificação deficiente pode ser vencida por repetição da leitura (tarefa essencialmente do recetor)
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Efeitos imediatos – pode ser anulado ou reformulado 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Efeitos do enunciado são posteriores – imutável, não sujeito a alteração
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sob a forma de diálogo, é de construção coletiva 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ É, por regra, individual
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Diacronicamente não evoluem da mesma forma: o modo oral evolui mais rapidamente e é mais sujeito a mudanças 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A escrita funciona como elementos de fixação. Evolução lenta pela proximidade com a normal culta (antigamente a escrita era elitista, agora democratizou-se)
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Menor valorização em termos sociológicos, quanto aos traços +verdadeiro/ - verdadeiro 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Maior valorização em termos sociológicos. Relação imutabilidade – verdade. Relação escrita – escola
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Tendencialmente não planeado: repetições/dúvidas/hesitações/retoma de assuntos/ frases inacabadas/ elisões/ vocabulário menos cuidado/ predomínio da coordenação/ menor extensão 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Tendencialmente planeado: fuga à repetição/ vocabulário mais variado/ escolha lexical mais cuidada/ busca semântica mais apurada/ sintaxe mais elaborada/ maior especificidade e rigor enunciativo/ predomínio da subordinação/ mais extenso

«Falar e escrever não são formas diferentes de fazer a mesma coisa; são formas diferentes de fazer coisas diferentes.»

«Nem só saudar, ordenar, censurar, argumentar, etc., são atos de linguagem; são-nos igualmente imaginar, narrar, refletir, pensar, raciocinar... Contra a evidência do senso comum a comunicação não é a única função da linguagem, não é sequer a principal função da linguagem.»

Decálogo do Ouvinte Perfeito

1. Adotar uma atitude criativa. Ter curiosidade.
2. Olhar o orador.
3. Ser objetivo. Escutar o que diz o outro.
4. Articular-se com o orador. Compreender a sua mensagem e os seus pontos de vista.
5. Descobrir em primeiro lugar a ideia principal.
6. Descobrir os objetivos e os propósitos do orador.
7. Valorizar a mensagem escutada.
8. Valorizar a intenção do orador.
9. Reagir a mensagem.
10. Falar quando o orador tiver terminado.

Funções da Linguagem

- Função referencial/informativa/representativa (notícia de jornal, tese)
- Função apelativa
- Função emotiva-expressiva/manifestativa (centro das atenções sobre o emissor)
- Função fática
- Função metalinguística (uma gramática)
- Função poética (qualidade do próprio texto)

[As três primeiras formuladas nos anos 30 do século XX por Karl Bühler, retomadas nos anos 70 por Roman Jakobson, que lhe acrescentou as três últimas.]

Comunicação não-verbal

↳ Qualquer comportamento, desde que numa situação de interação, vale como mensagem. Não há forma de *não comunicar*.

- ❖ Acompanha e complementa a comunicação verbal;
- ❖ Pode ter um impacto superior ao do enunciado verbal (estudos falam numa relação 35% - impacto do enunciado verbal – 65% - impacto dos elementos não verbais);
- ❖ Pode secundar ou contradizer o enunciado verbal. Não é forçoso que haja harmonia entre ambas;
- ❖ Grande parte da comunicação-não verbal obedece também a uma codificação por parte de uma comunidade específica de indivíduos;
- ❖ É condicionada por padrões de ordem cultural;
- ❖ A crescente globalização tende a atenuar (mas não a anular completamente) as diferenças decorrentes de fatores civilizacionais, de fatores culturais ou de processos distintos de codificação

(mas: grupos que inventam códigos próprios para manterem a sua identidade num contexto globalizado)

<p>Comunicação não-verbal Cinésica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contato visual (frequência/duração/ocasião) • Gestos: <ul style="list-style-type: none"> - gestos simbólicos ou significantes; - gestos ilustrativos ou de acompanhamento; - gestos emocionais ou expressivos; - gestos de regulação - gestos reativos ou de adaptação • Expressões faciais O rosto humano gera milhares de expressões diferentes • Movimentação/postura (do corpo/da cabeça)
<p>Comunicação não-verbal Proxémica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização do espaço • Organização de cada indivíduo dentro do espaço onde interage • O espaço pessoal – distâncias e efeito comunicativo <ul style="list-style-type: none"> - Distância íntima (15 a 50 cm) - Distância pessoal (40 cm a 1.2m) - Distância social (70 cm a 4 m) - Distância pública (4 a 9 m)
<p>Comunicação não-verbal Paralinguagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Voz: altura, qualidade de articulação, ritmo, intensidade, timbre, extensão; • Outros elementos vocais: riso, suspiro, choro, bocejo, grito, pontuação do discurso (hum, oh, ah), pausas, silêncio.

Tautologia

Tautologia (s.f) 1 GRAM Uso de palavras diferentes para expressar uma mesma ideia; redundância; pleonasma. LÓG Proposição analítica que permanece sempre verdadeira uma vez que o atributo é uma repetição do sujeito <o sal é salgado> 3 RET Expressão que repete o mesmo conceito, ou que só se desenvolve uma ideia citada, sem aclarar ou aprofundar a sua compreensão. ETIM Gr tautologia 'repetição de (forma o significado); o que diz a mesma coisa já dita'.

(Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa)

Exemplos:

- *É expressamente proibido estudar neste café.*
- *Vou agora tratar dos acabamentos finais desta porta.*
- *Mas tu tens a certeza absoluta disso?*
- *As despesas excediam em muito o que havia sido orçamentado.*
- *Ele chegou juntamente com vários amigos.*
- *Aquele jardim constitui um elo de ligação entre jovens e idosos, já que uns e outros lá passam grande parte do seu tempo.*
- *Deixo ao seu critério pessoal a escolha das flores a colocar sobre a mesa da conferência.*
- *Ela tem todos os sintomas indicativos de gripe.*
- *Pediram-me que indicasse a quantia exata e eu não me lembrava.*
- *As claques de futebol têm um comportamento demasiadamente excessivo.*

- *Cortei a laranja em duas metades iguais.*
- *A Mostra da Universidade do Porto decorre nos dias 22, 23, 24 e 25 inclusive.*
- *Há alguns anos atrás, Portugal parecia um país próspero.*
- *Uma propriedade característica das rosas é serem policromáticas*
- *Se não podemos fazer assim, teremos de encontrar outra alternativa.*
- *Contou-lhe o filme com todos os minuciosos detalhes.*
- *A razão de eu não te suportar é porque sempre me falaste com arrogância.*
- *No próximo fim-de-semana possivelmente poderão ocorrer aguaceiros.*
- *Anexo junto a este email um ficheiro com o esquema do meu trabalho.*
- *Tenciono gritar bem alto a minha revolta.*
- *O Metro do porto tem apresentado, ano após ano, défices negativos.*
- *Muitos imigrantes estrangeiros em Portugal retornaram de novo às suas pátrias.*
- *Os administradores compareceram em pessoa diante da comissão de trabalhadores.*
- *Todos os presentes foram unânimes em condenar a reação dos administradores.*
- *Devido à presença de inúmeras fãs, o cantou continua a permanecer no hotel.*
- *Este filme baseia-se em factos reais.*
- *Tens de encarar de frente este problema e comportar-te como um homem.*
- *Uma multidão de pessoas assistiu à chegada do Presidente.*
- *O dia amanheceu cálido.*
- *O banco decidiu conceder-lhe um empréstimo temporário.*
- *Quando chegou a casa, teve uma inesperada surpresa: a mulher tinha comprado um cão e o gato estava no telhado, em protesto.*
- *No terceiro ano podes escolher, em opção, entre uma unidade curricular de Literatura Portuguesa e uma de Linguística.*
- *Todos os anos planeamos antecipadamente as férias.*
- *...*

Falar em Público

[Alguns aspetos a considerar]

- Tema
É necessário ter bem determinado o assunto da comunicação.
- Tempo
Saber com precisão o tempo de que dispões e organizar tudo tendo em conta esse aspeto.
- Público
Conhecer muito bem (na medida do possível) o público a que nos vamos dirigir.
- Objetivo geral
 - Informar/ensinar (*prodesse*) – transmitir conhecimento
 - Entreter/deleitar (*delectare*) – cativar o público
 - Persuadir/comover (*movere*) – intervenção sobre as convicções da audiência
- Objetivo específico
Determinar com clareza a mensagem que queremos transmitir e os efeitos que pretendemos obter (seleccionar o que é importante e dar relevo a isso – compreender o que devemos efetivamente apresentar).
- Plano de trabalho
 - Sequenciação do tema (ordem lógica pela qual vamos elaborar o trabalho)
 - Organização das ideias principais
 - (Eventual) subdivisão temática
- Momentos fundamentais
 - Introdução (10 a 15%)
 - Desenvolvimento (70 a 80%)
 - Conclusão (10 a 15%)
- Momentos sensíveis
Introdução e conclusão.
- Apoio audiovisual
 - Planear o tipo de apoio audiovisual e conceber a sua relação com o fio do discurso
 - Evitar que os elementos audiovisuais entrem em concorrência com a apresentação oral e se tornem fonte de ruído
 - Não diversificar excessivamente os recursos de apoio audiovisual
- Lugar
Conhecer e, se possível, tirar partido das características do lugar onde decorre a apresentação.
- Tipo de apresentação
Adequar a conceção e apresentação do discurso ao tipo de apresentação (trabalho escolar, conferência, entrevista, debate, painel, mesa redonda, apresentação de projeto, etc.).

- Desenvolvimento do conceito
 - Redigir o desenvolvimento, de forma completa (e não apenas em tópicos), a partir do plano das ideias fundamentais e da sua subdivisão;
 - Ensaiai a apresentação até que o essencial esteja assimilado.

- Título
Encontrar um título interessante e apelativo.

- Formas de apresentação
 - Texto lido
 - Forma mais pobre;
 - Recurso a texto pode fazer pressupor desconhecimento ou pouca familiaridade em relação ao tema;
 - Constrange o orador aos limites do texto/cria oscilações muito sensíveis de registo sempre que o orador se desvia do texto;
 - Aliena mais facilmente o público.
 - Texto memorizado
 - Mesmos vícios do texto lido;
 - Apresentação potencialmente mais fluida (dependentemente das capacidades do orador);
 - Pode facilmente soar artificial.
 - Texto apresentado com ajuda da memória
 - Ganha com o auxílio de meios audiovisuais;
 - Exige maior preparação e segurança do orador.

OS MOMENTOS SENSÍVEIS

Introdução

- Pode ser preparada em último lugar;
- Deve captar a atenção do público;
- É necessária uma boa gestão do silêncio inicial;
- Deve introduzir comentários adequados às circunstâncias (agradecimento, referências ao lugar, a algum acontecimento recente, etc.);
- Manter a consistência da linguagem e estilo.

Conclusão

- Deve ser bem planeada. É o momento que o público mais facilmente levará registado na memória;
- O início da conclusão deve ser sinalizado;
- É importante fechar com *chave de ouro*, ou seja, encontrar um enunciado final de efeito, capaz de ficar na memória. Pode ser uma frase mais arrojada, uma citação... Uma apresentação pública não pode terminar a descer, a perder força;
- Inserir comentários adequados às circunstâncias (a reação do público, p. ex.)
- Manter sempre, rigorosamente, a consistência da linguagem e de estilo.

Falar em Público

Receio de falar em público

- Medo do fracasso/medo de falhar
- Medo de ficar sem palavras
- Medo do ridículo
- Medo da reação do público
- Pouco conhecimento do público
- Deficiente preparação do tema a tratar
- Falta de confiança em si mesmo/a
- Falta de experiência a falar em público

Ansiedade: Quando pode aparecer?

- Ao fazer uma apresentação em público
- Ao exprimir uma opinião
- Ao fazer perguntas a um orador
- Ao discordar
- Ao relatar um acontecimento

Ansiedade: sintomas (I)	<ul style="list-style-type: none">→ Pensamentos negativos recorrentes («vai correr mal»; «não vou conseguir»)→ Medo da avaliação alheia→ Medo de não ser ouvido ou de cair em ridículo→ Antecipação de desenvolvimentos desfavoráveis→ Medo de que a ansiedade seja visível através de manifestações desfavoráveis
Ansiedade: sintomas (II)	<ul style="list-style-type: none">→ Aceleração do ritmo cardíaco→ Rubor→ Suor→ Tensão muscular→ Perturbações gastrointestinais→ Dor de cabeça→ Dificuldade em respirar→ Boca seca
Ansiedade: sintomas (III)	<ul style="list-style-type: none">→ Fuga à situação:<ul style="list-style-type: none">– Pode não se terminar a exposição oral, ou fazê-lo atabalhoadamente→ Perturbações na enunciação:<ul style="list-style-type: none">– Pausas forçadas/bloqueios de duração variável– Gaguez– Uso de “bengalas” discursivas, de redundâncias ou de construções incoerentes ou agramaticais– Tiques nervosos/movimentação de carácter nervoso

Ansiedade: Que fazer?

- Reconhecer o problema e torna-lo parte da preparação
- Preparar-se o mais profundamente possível
- Identificar os nossos pontos fracos e pontos fortes: temos de nos apoiar nestes
- Insistir sempre: só a prática nos ajuda a ultrapassar as dificuldades
- Aproveitar todas as pequenas vitórias para ganhar força para os passos seguintes – devemos recompensar-nos sempre que superamos uma dificuldade

Súmula (I): Aspectos fundamentais

- Público
- Os meus objetivos
- Ideias principais ou ideias força
- Ideias secundárias
- Argumentos a utilizar
- Partes do discurso
- Estratégias de construção e argumentação
- Tema e título
- Data
- Tipo de evento
- Lugar
- Condições do lugar
- Duração
- Preparação dos meios auxiliares

Súmula (II): Análise

- Levei o tema bem preparado?
- A minha comunicação era adequada àquele público?
- Tive em atenção as reações do público?
- Controlei devidamente o tempo?
- Falei com velocidade adequada?
- Foquei os aspetos essenciais?
- Disse todas as frases-chaves que tinha preparadas?
- Apresentei claramente os meus objetivos no início?
- Voltei a apresenta-los claramente no final?
- Apresentei as conclusões devidamente organizadas?
- Acabei com uma frase memorável?
- Diverti-me?
- Fiz uma boa comunicação?

«O sucesso de uma boa comunicação está em saber escutar.»

Pablo Jose Vargas
Universidad Manuela Bertran (Colômbia)

Texto Académico

☞ *Resumo*

[capacidade de selecionar o essencial; documenta o processo]

☞ *Síntese*

[deve apenas selecionar as ideias importantes, já o resumo deve cobrir a totalidade do texto original; é o momento das conclusões e não é necessário apresentar todas as premissas (como no resumo), mas sim os resultados; evidencia resultados]

☞ *Recensão*

☞ *Comentário*

[1º Identificação da temática (serve de introdução);
2º Apresentar uma interpretação do texto (paráfrase, por exemplo);
3º Discussão do texto/das ideias, enquadrar o texto no conjunto da temática/problemática]

☞ *Relatório*

[relatar; há algo objetivo sobre o qual relatar]

☞ *Dissertação (ou tese)*

[I – apresentar as circunstâncias duma temática nesse momento, ou apresentar novos elementos, algo que exija mais. É necessário comentar os elementos, mesmo que eles pareçam do senso comum;
II – Existe uma pergunta à qual é necessário fornecer respostas, dando a nossa resposta e mostrar que conhecemos todas as outras respostas anteriormente dadas]

A Recensão

- a) Identificação da obra;
- b) Referência ao autor, às condições de produção ou de publicação;
- c) Apresentação da obra;
- d) Descrição da estrutura;
- e) Descrição do conteúdo;
- f) Análise crítica;
- g) Recomendação da obra/a quem interessa?

Paratexto

- Capa
- Folha de rosto
- Contracapa
- Lombada
- Título
- Nota de rodapé/nota de fim
- Prefácio/posfácio
- Glossário
- Bibliografia
- Índica (geral/onomástico/temático)

Sequências textuais prototípicas

Para construir um texto usamos elementos de natureza textual que são protótipos textuais, e que servem de base para a construção de textos de qualquer tipo.

- Sequência narrativa
(são todos os elementos que concorrem para a construção de ações; várias ações sucedem-se e relacionam-se em termos de tempo, causa, etc.; há uma sucessão de tempos verbais)
- Sequência descritiva
(é aquela que se centra na apresentação/ descrição de um determinado momento/ imagem/...; são a base de qualquer texto narrativo; nesta sequência nada é neutro, há sempre um assumir de ponto de vista; uma boa descrição dá-nos uma imagem nítida do que se está a descrever)
- Sequência argumentativa
(construção sequencial de argumentos, nossos e/ou de outros, rebatendo-os ou apenas expondo-os)
- Sequência explicativa
(transmite informação que supostamente as pessoas não têm)
- Sequência dialogal
(texto que tem (e que se constrói com) marcas da interação verbal, que é determinante; o que o emissor diz vai condicionar a resposta do recetor, e vice-versa)
- Sequência injuntiva
(conjunto de textos que tem marcas sobre o interlocutor e que tentam agir sobre ele, de uma forma mas brusca ou mais suave (por ex. uma receita de culinária); tem marcas textuais próprias)

«Viver é desenhar sem borracha»

«Com muita sabedoria, estudando muito, pensando muito, procurando compreender tudo e todos, um homem consegue, depois de mais ou menos quarenta anos de vida, aprender a ficar calado.»

«Não é que com a idade você aprenda muitas coisas; mas você aprende a ocultar melhor o que ignora.»

Millôr Fernandes

Variação Linguística

1- Variação diacrónica ou histórica

- ⇒ Galego – português → A partir dos séculos V-VI (latim vulgar)
- ⇒ Primeiro texto escrito em Português: século XII
- ⇒ Português antigo: das primeiras manifestações até ao fim do século XIV
- ⇒ Português médio: durante o século XV
- ⇒ Português clássico: até meados do século XVIII
- ⇒ Português moderno: a partir do século XVIII

2- Variação diatópica ou regional

Português no mundo:

- | | |
|--------------|--|
| • Portugal | • Guiné |
| • Brasil | • S. Tomé e Príncipe |
| • Angola | • Timor Leste |
| • Moçambique | • Macau (por 50 anos após a integração na China) |
| • Cabo Verde | |

Marcas de presença:

- ⇒ Lugares de passagem de portugueses ao longo da história (ex.: Índia, Japão, etc.)
- ⇒ Lugares onde existem comunidades portuguesas estruturadas

Duas variedades nacionais:

- ⇒ Português Europeu
- ⇒ Português do Brasil

Variedades Regionais

3- Variação diastrática ou social

- ✓ Norma-padrão e variedades
- ✓ Variação segundo elementos de natureza social

4- Variação situacional/diafásica/contextual

- ✓ Contacto: as influências contíguas ou dominantes
- ✓ Contexto: variação segundo a ocasião e os intervenientes

Textos

Produtos do uso da língua, coesos internamente e coerentes com o mundo em relação ao qual devem ser interpretados.

Cf. 'tecer'/'tecido'/'têxtil'/'texto'

Textualidade

Conjunto de propriedades que uma manifestação de linguagem humana deve ter para poder ser considerada texto.

1- Aceitabilidade

Refere-se à atitude do alocutário/ ouvinte/leitor/recetor.

Aceita uma dada configuração de elementos linguísticos proposta para a interpretação como uma unidade dotada de sentido. Entram em consideração a instituição e produção, circulação e reconhecimento a posição e o poder dos participantes e o seu inter-relacionamento, o assunto do texto, etc.

Maior tolerância quanto a desvios quanto maior o grau de informalidade e de conhecimento entre os participantes.

2- Situacionalidade

Todos os fatores que tornam um texto relevante para uma dada situação.
Se existir tal relevância, diz-se do texto que é adequado ou apropriado.

3- Intertextualidade

Relação entre um texto e um conjunto de outros textos que fazem parte da experiência anterior de emissor e de recetor.

Pode fazer a relação com uma memória textual coletiva, com a memória de um grupo ou com a memória individual.

A memória coletiva ou de grupo define modelos textuais e torna-se, por isso, estruturante para cada novo texto.

Manifestações objetivas: citação, remissão, comentário, reformulação ou relato de outras seqüências textuais.

4- Informatividade

Grau de incerteza ou previsibilidade das ocorrências textuais. Um texto com alto grau de incerteza em termos de ocorrências textuais potencia a capacidade de atenção e de interpretação do recetor.

5- Conetividade

Há relação conetiva entre seqüências textuais se as suas interpretações forem interdependentes.

Conetividade sequencial: coesão.

Conetividade concetual: coerência.

«A melhor ocasião para planear um livro é enquanto se lava a louça.»

Agatha Christie

- Planeamento necessário para se escrever algo.
- Preparação prévia, por vezes, é a parte mais importante.

«Quando tiveres uma ideia, escreve-a. Não a desperdices numa conversa.»

Kenneth Koch

«O papel de um escritor não é dizer o que todos podemos dizer, mas sim aquilo que não somos capazes de dizer.»

Anaïs Nin

- O que separa a literatura dos outros textos.

«O meu ponto de partida [ao escrever] é sempre uma tomada de partido, um sentimento de injustiça. (...) Escrevo porque há alguma mentira que quero denunciar, algum facto para o qual quero chamar a atenção, e a minha preocupação inicial é garantir a oportunidade de fazer ouvir o meu ponto de vista.»

George Orwell

- Noção de escrita como empenhamento pessoal, tomar posição (não tomar posição, ou ignorar um assunto é também ter/tomar uma posição).
- Interrogação colocada em todos os textos: Porque que escrevo? Onde quero chegar com isto?

«Não há nada mais apaixonante no mundo do que corrigir um rascunho de outra pessoa.»

H. G. Wells

- Questão da reescrita: um texto de jeito nunca sai bem à primeira.

«A reescrita é o momento em que escrever tem realmente piada... No basebol tens direito a três pancadas e ficas de fora. Ao escrever podes dar tantas pancadas quantas quiseres e sabes que, mais tarde ou mais cedo, vais acertar na bola.»

Neil Simon

«A coisa mais importante na comunicação é a impressão enganadora de que ela realmente aconteceu.»

Peter Drucker

«O maior problema específico da comunicação é a impressão enganadora de que ela realmente aconteceu.»

George Bernard Shaw

«A palavra foi dada ao comum dos mortais para comunicar os seus pensamentos e aos sábios para os disfarçar.»

Robert South

- O discurso é uma arma para quem sabe manejá-la.